

## **DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM- TDAH (Transtorno de déficit de atenção/Hiperatividade): Um olhar pedagógico**

Dilza Maria. G de Vasconcelos<sup>1</sup>

Ana Márcia Luna Monteiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** O TDAH (Transtorno de déficit de Atenção por Hiperatividade) gira em torno da desatenção, a agitação ou hiperatividade e a impulsividade. Trata-se de uma realidade presente nas escolas. O objetivo deste trabalho foi verificar o que as professoras sabem sobre o tema TDAH, como lidam com o problema e a partir deste entendimento lançar sugestões. Na pesquisa, os instrumentos utilizados foram entrevistas e observações . A partir da análise dos resultados, foram sugeridas algumas medidas de orientação aos docentes que convivem com a realidade de orientar crianças com TDAH em sala de aula.

**Palavras-chave:** TDAH (Transtorno de déficit de Atenção por Hiperatividade); Dificuldade de Aprendizagem; Ensino Fundamental.

### **INTRODUÇÃO:**

A partir de uma observação realizada dentro do meu trabalho (acompanhamento pedagógico) com crianças que possuem dificuldade de aprendizagem , o transtorno de déficit de atenção /hiperatividade, TDAH – veio, mais particularmente, chamar-me atenção, por se tratar de um problema desafiador e que sem dúvida, mexe com a vida escolar, social e futuramente laboral de crianças e adolescentes. Mais conhecido como TDAH <sup>3</sup>o transtorno, é um problema de saúde mental que possui três características básicas: a desatenção, a agitação ou hiperatividade e a impulsividade (ROHDE,1999). Quanto mais precoce for o diagnóstico, menores as chances da vida da criança ou do, adolescente ser afetada e conseqüentemente, sua vida adulta. Também,

---

<sup>1</sup> Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. dilzavasconcelos@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais – Centro de Educação – UFPE. anamarcialuna@hotmail.com

<sup>3</sup> A inicial TDAH será utilizada para Transtorno de Déficit de Atenção por Hiperatividade

se não diagnosticadas precocemente por profissionais da área de saúde mental (médicos e psicólogos), estas crianças e adolescentes poderão ter muitas dificuldades em várias etapas de suas vidas. A necessidade de averiguar sobre o olhar pedagógico dispensado a crianças com TDAH- veio despertar minha curiosidade e encheu de motivação meu trabalho. Sabemos que vários passos foram dados desde o surgimento dos primeiros conceitos sobre as DA <sup>4</sup>, mas que não obstante, se contemplados com cuidado, constata-se uma importante lacuna dessa problemática no trato, principalmente pedagógico, sobretudo dentro de sala de aula. Medidas simples, que envolvam a melhoria na aprendizagem, muitas vezes por falta de conhecimento e informação, não são utilizadas.

É um caminho novo a se percorrer, principalmente pelas escolas e pelos professores, por se tratar de um tema complexo e controverso. Alguns autores discutem o assunto: Rohde (1999), Paín (1992), Sisto (2006),Correia (s.d), Fonseca (1995), Mattos (2005), Bromberg (2009), etc. Estudos recentes têm demonstrado que de 3 a 6% da população de crianças de 7 a 14 anos apresentam TDAH (ROHDE E BENCZIK, 1999). É um número considerável em se tratando de população mundial. Entretanto, no âmbito da pedagogia, ainda há muito a avançar. Sabemos que a sala de aula é o ambiente de contato intenso e diário com a criança e com o adolescente. É neste espaço que o professor encontra a possibilidade de observação nas mais diversas situações, que são indicadores necessários para levantar suspeitas sobre componentes comportamentais inadequados que prejudicam ou comprometem a aprendizagem e o rendimento escolar das crianças. Encaminhar à coordenação tais suspeitas é o primeiro e decisivo passo e de grande contribuição para que o aluno receba uma ajuda profissional. Se o diagnóstico vier precocemente, melhor ainda será. Não cabe ao pedagogo tarefas como medicar ou acompanhar terapêuticamente, entretanto, cabe ao professor possibilitar ao aluno a condição de seu pleno desenvolvimento. Portanto, explorar o tema sobre TDAH e suas implicações na aprendizagem é uma necessidade no meio pedagógico. O Olhar do professor auxiliará não apenas o diagnóstico da criança, mas principalmente o processo ensino-aprendizagem

---

<sup>4</sup> A inicial D.A será utilizada para Dificuldades de Aprendizagem

com medidas simples e que poderão fazer a diferença na vida escolar do aluno com TDAH.

## 1.0 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Primeiramente, falou-se em DA no começo dos anos 60, para descrever vários problemas relacionados a incapacidade de aprender e que conseqüentemente levava ao insucesso escolar. Surgiram, desta maneira, vários termos para designar os problemas na aprendizagem como distúrbios de aprendizagem psiconeurológicos, dificuldades perceptivas, dificuldades de linguagem, dislexia entre outros, até chegar ao termo mais usado e aceito atualmente como Dificuldade de Aprendizagem (D.A).

A definição atual, aceita internacionalmente sobre as DA, veio elaborada pelo National Joint Committee For Learning Disabilities (NJCLD, 1994), depois de muitas controvérsias e discussões devido a falta de consenso sobre as definições, mas que encontrou uma resistência menor, depois de ser aprimorada algumas vezes, conforme citada por Smith et al. (1997):

*“Dificuldades de Aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio, ou habilidades matemáticas. Estas desordens são intrínsecas ao indivíduo, presumivelmente devem-se a disfunções do sistema nervoso central e podem ocorrer ao longo da vida. Problemas na auto-regulação corporal, percepção social podem existir com as dificuldades de aprendizagem mas não constituem por eles próprios as dificuldades de aprendizagem. Embora as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições desvantajosas (handicapping) (por exemplo, dificuldades sensoriais, deficiência mental, distúrbios emocionais sérios) ou com influências extrínsecas (tais como diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada), elas não são o resultado dessas condições ou influências.” (NJCLD, Smith et. Al, 1997).*

Dentro dessa perspectiva heterogênea (da diversidade de conceitos sobre as D.A) é que encontraremos um dos transtornos responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem: o TDAH e toda a sua complexibilidade.

As primeiras suspeitas sobre TDAH surgiram em 1902 reveladas pelo médico inglês George Still. Ele observou um conjunto de alterações no comportamento das crianças que não poderiam, segundo ele, ser explicadas simplesmente por falhas ambientais, mas por um processo biológico desconhecido. Tal suspeita voltou a ganhar força quando um surto de encefalite epidêmica acometeu adultos e crianças . As sequelas nos adultos era de um quadro parkinsoniano (doença de parkinson) e nas crianças um distúrbio ou déficit na atenção com ou sem hiperatividade.

Surge, desta forma, o nome TDAH, que vai girar em torno da desatenção, hiperatividade e impulsividade. Porém, até chegar a este conceito e a definição de um quadro clínico foram várias as denominações utilizadas: lesão cerebral mínima, disfunção cerebral mínima, síndrome da criança hiperativa, distúrbio primário da atenção e distúrbio do déficit de atenção com ou sem hiperatividade.

## **2.0 MAS AFINAL O QUE É TDAH?**

Alguns pesquisadores, como Russel Barkley da Universidade de Massachusetts, acreditam que o TDAH caracteriza-se por um problema em determinadas áreas do cérebro responsáveis em comandar uma espécie de "freio de inibição"(Rohde, p.54, 1999). A disfunção seria numa área cerebral conhecida com o região orbital frontal. Segundo Rohde (1999), a maioria das pesquisas demonstram que substâncias encontradas no cérebro chamadas de neurotransmissores "que passam a informação" estão deficitários nesta área. O diagnóstico em crianças pequenas é muito minucioso, porém, há como observar algumas características presentes com mais frequência em pessoas com TDAH: erros por descuido, desatenção, desorganização, falar compulsivamente ou ainda estar sempre mexendo os pés ou as mãos. A observação desses sintomas pode começar em casa e posteriormente ser aprofundada na escola. Segundo Rohde (1999), o diagnóstico de TDAH é puramente clínico no qual o

diagnóstico definitivo só pode ser dado por um profissional da área de saúde mental. Uma das etapas do diagnóstico é um questionário denominado SNAP-IV e foi construído a partir dos sintomas do manual de diagnóstico e estatística – IV Edição (DSM-IV) da Associação Americana Psiquiátrica. O questionário SNAP-IV é útil para analisar o primeiro dos critérios A (sintomas), porém, existem outros critérios que também são utilizados. Importante: para que o aluno com TDAH seja diagnosticado como tal, deve apresentar sintomas em mais de um ambiente. O TDAH pode estar predominantemente em estado de desatenção (seis ou mais de seis sintomas de desatenção), predominantemente hiperativo impulsivo (seis ou mais sintomas de hiperatividade e impulsividade) e do tipo combinado (seis ou mais sintomas de hiperatividade e impulsividade por um período mínimo de seis meses).

## **2.2- HEREDITARIEDADE**

Rohde (1999) afirma que esta é uma área crescente na pesquisa, porém estudos têm demonstrado que 25 % dos familiares de pessoas com TDAH também têm o transtorno. Haveria uma vulnerabilidade maior ou tendência para o transtorno através da hereditariedade, porém, ainda há poucos estudos a respeito sobre essa vulnerabilidade. Alguns estudos sugerem que mulheres que tenham tido problemas durante a gravidez ou no parto apresentariam uma probabilidade maior em ter crianças com TDAH assim como a alimentação, afirma Rohde (1999): o excesso de açúcares e conservantes ou ainda deficiência de hormônios tireoidianos poderiam estar associados ao desenvolvimento do TDAH. Contudo, o modelo mais aceito hoje é de uma vulnerabilidade herdada que pode manifestar-se mais bruscamente ou não, dependendo dos fatores ambientais que envolvem a criança.

## **2.3- TRATAMENTO**

A maioria dos estudos diz respeito ao transtorno em crianças, mas sabe-se porém, que no adulto o transtorno persiste em aproximadamente 50 a 85% dos casos. O tratamento é multimodal, ou seja, não existe uma única indicação, seja ela medicamentosa, psicoterápica, fonoaudiológica ou pedagógica. O professor ou a professora, juntamente com o serviço de orientação da escola,

levantará a suspeita junto aos pais, e estes, deverão procurar ajuda de um profissional da área de saúde mental para realizar o diagnóstico. Quanto mais precoce for o diagnóstico, menores as chances de as comorbidades afetar a vida da criança. Comorbidades por definição é uma associação mais do que coincidente entre duas doenças e que ocorrem concomitantemente com o transtorno devendo ser tratadas com a mesma importância. As mais frequentes são: Transtorno Opositivo Desafiador, Problemas de Aprendizagem, Transtorno de Conduta, Depressão, Ansiedade, Transtorno Bipolar, Síndrome de Tourette (esse último dos 50% que têm TDAH possuem esse diagnóstico) ,etc. A intenção aqui não é discutir sobre as comorbidades e TDAH, porém discussões mais aprofundadas a respeito das comorbidades podem ser encontradas em Rohde (1999) , Mattos (2005) ou nos sites da referência bibliográfica deste trabalho.

## **2.4- INCLUSÃO**

Ao falar em alunos com dificuldades especiais se faz necessário pensar em inclusão. O aluno com TDAH assim como aqueles com deficiências necessitam de um olhar pedagógico especial. Para isso, a LDB (leis de diretrizes e bases-BRASIL, Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996) assegura aos alunos com necessidades especiais o direito a currículos, métodos, recursos educativos e de organização, específicos para atender suas necessidades. Mas não é apenas a LDB que garante a atenção que o aluno com deficiências necessitam: o estatuto da criança e do adolescente (Lei 8.069) estabelece o direito a pessoas com deficiências em receber educação, preferencialmente na rede regular de ensino. Porém, metodologias, currículos e principalmente avaliações devem respeitar limitações específicas, não apenas para crianças com TDAH, mas para todos os alunos que necessitem de ajuda mais elaborada. Além da avaliação, há de se considerar a discrepância entre a capacidade real e o resultado que é apresentado na escola. Deve-se considerar a impossibilidade de as crianças com TDAH atenderem ao padrão temporal que a escola pré-estabelece para o aprendizado, pois como já foi citado anteriormente, o transtorno gira em torno da desatenção, agitação (ou hiperatividade) e a impulsividade (ROHDE, 1999).

## **2.5- O TDAH DA QUESTÃO**

Segundo Rohde (1999), é necessário um acompanhamento pedagógico, feito pelo professor, que ajude a prevenir lacunas na aprendizagem. Porém, surgem questões como: estão as escolas preparadas para prevenir e detectar tais lacunas? Professores têm tempo hábil em sala de aula para dar uma atenção especial ao aluno com TDAH? As escolas conhecem e possuem metodologias específicas tanto na aplicação dos conteúdos quanto avaliativas para lançar um olhar especial sobre estes alunos? São questões a serem discutidas e que obviamente não serão todas respondidas neste pequeno trabalho, pois existem muitas lacunas no assunto e não há possibilidade em discutí-las de uma só vez. Porém, ressalvo que é um passo importante, na direção da compreensão pedagógica da problemática e que dentre as questões levantadas aqui serão discutidos principalmente a concepção das professoras sobre o problema e como lidam com a situação. Além disso, serão apontadas algumas sugestões de natureza prática que contribuam com docentes a lidar com tema TDAH de forma tranquila, de modo a possibilitar o avanço de seu aluno.

### **PESQUISA: REFERENCIAIS METODOLÓGICOS**

A pesquisa de ordem qualitativa foi mais apropriada para este trabalho pelo fato de na análise de dados poder enfatizar particularidades de um fenômeno que os métodos qualitativos fazem muito bem: mergulhar em singularidades de forma mais profunda. Segundo Minayo (2002) "*a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas*" (p.22). Assim, a metodologia em questão me permitiu a compreensão de alguns fenômenos dentro do universo de crianças com TDAH e ao mesmo tempo revelou outros que não haviam sido previstos ou antecipados no projeto. Foi possível confrontar, de forma mais particular universos diferentes e a partir dos resultados tentar compreender como

funciona a convivência em sala de aula entre professores e crianças com TDAH. Um elemento importante neste tipo de análise é o fato de que cada entrevista é tomada na sua totalidade, compondo um discurso único e singular. Cada entrevista é importante, nos diz PORTELLI (1997), por ser diferente de todas as outras, e principalmente com novos pontos de vista e realidades novas.

Investiguei nas escolas de diferentes realidades como se dá a relação entre professor e o aluno com TDAH. Os critérios de seleção das escolas foi através da acessibilidade à sala de alunos com TDAH e sua respectivas professoras. Foi de grande valia para chegar as considerações finais a observação não participativa assim como as entrevistas semi estruturadas : dois recursos metodológicos que permitiram um contato muito direto com professor e aluno. Utilizei a ordem de primeiramente realizar a entrevista e posteriormente as observações. Assim, o contexto de aula tornou-se fundamental para a posterior análise e confronto de realidades, porque segundo Bogdan (1994), *a fonte direta de dados é o ambiente natural , constituindo o investigador o instrumento principal*. Dentro de um roteiro elaborado, a entrevista foi composta de 6 perguntas básicas e a observação foi simples, de caráter descritivo *“na medida em que busca descrever o comportamento dos fenômenos e é usada para identificar e obter informações sobre as características de uma determinado problema ou questão* (COLLIS E HUSSEY, 2005). O roteiro da observação constava da seguinte ordem: 1- rotina, 2- organização em sala, 3- a estrutura da sala, 4- comportamento do aluno , 5- comportamento do professor e 6- atenção que é dispensada a esse aluno. *“Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto”*(BOGDAN, 1994, p.48). Procurei absorver todas as informações passadas pelas professoras e registrar cada resposta em sua totalidade , pois segundo BOGDAN (1994, p.48), os dados devem ser analisados em toda sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível a forma como estes foram registrados.

## **PESQUISA: SUJEITOS E CONTEXTOS**

Foram realizadas observações em três escolas durante seis dias: uma pública que chamaremos de **PU**, uma particular de educação infantil que será chamada de escola de **EI** e uma última particular estruturada há muito tempo na educação que denominaremos de **TR**.

Caracterização da Escola **PU**: A escola **PU** fica num bairro de classe média e assiste uma comunidade de moradores que veio das antigas palafitas do bairro do Pina, região metropolitana do Recife. Funciona com educação infantil e ensino fundamental I nos turnos manhã e tarde; à noite, atende a EJA (educação de jovens e adultos). A escola trabalha com duas professoras itinerantes: uma para o turno da manhã e outra para o turno da tarde. Meu contato foi com a direção da escola e logo me passaram o nome da professora itinerante da manhã que é conhecedora dos alunos que têm dificuldades de aprendizagem. Por sua vez, a professora itinerante me indicou uma sala com um aluno diagnosticado em TDAH. Nesta escola, as observações foram feitas numa única sala em dois dias subseqüentes e numa turma com 19 crianças.

A sala é disposta da seguinte maneira: mesinhas com 4 cadeiras da altura das crianças, 6 ventiladores que funcionam, armários que ficam trancados e uma sala com boa iluminação. A professora não possui auxiliar, portanto, tem que atender a todas as necessidades das crianças dentro e fora da sala de aula como beber água, ir ao banheiro ou conduzir a turminha à biblioteca ou sala de informática.

Perfil da professora- A professora da sala observada da escola **PU** será chamada de **D**. Ela tem aproximadamente 20 anos de profissão e demonstrou durante o período em que foi observada muita paciência e cansaço. É formada em pedagogia pela UPE e tem pós-graduação em psicopedagogia.

Perfil do aluno- O aluno, conforme mencionado, tem 4 anos de idade e o chamaremos de **JE**. O diagnóstico de TDAH foi dado devido a suspeita diante do seu comportamento inquieto, segundo relato da professora itinerante, que logo aconselhou os pais procurar ajuda. Surgiu uma consulta com um clínico geral e a partir disto um encaminhamento para um neurologista que

diagnosticou **JE** com TDAH. A professora itinerante não soube dizer se a mãe continua o tratamento. O aluno, segundo a professora de sala de aula, dá e sempre deu muito trabalho, desde o ano anterior. Apresenta dificuldade na fala, de acordo com o que pode ser observado, e por vezes não se faz entender muito bem pela turma. Segundo observações, é impulsivo, bate nos colegas e dificilmente para cinco minutos sentado.

Caracterização da **EI**: A escola de **EI** fica num bairro de classe média alta . É uma escola pequena da rede particular e tem uma infraestrutura com sala de vídeo, sala para trabalho corporal, informática e biblioteca. Em média, cada sala tem de 12 a 20 crianças. Observei a rotina de duas professoras em duas salas diferentes e seus alunos com TDAH maternalzinho 2 ( 2 anos e 7 meses) e Maternal (4 anos) durante 3 manhãs, desde a entrada até o horário da saída. Meu primeiro contato foi com a dona e com a diretora da escola que estabeleceu os dias para eu fazer as observações e acompanhar a rotina das professoras.

Todas as salas são bem iluminadas e ventiladas, com mesinhas arrumadas em círculos, adequadas ao tamanho das crianças . Existem livrinhos de história nas salas de aula e brinquedos, além de um amplo parque onde as crianças brincam na hora do recreio. As salas são bem limpas e cuidadas. Em cada sala de aula existe uma auxiliar que ajuda a professora em todas as tarefas como: levar ao banheiro, dar banho, servir lanche e tomar conta daqueles que são mais distraídos. As crianças têm oficina de culinária e muitas vezes aprendem a fazer comidas bem simples com o auxílio da professora e orientação nutricional.

Perfil da professora do Maternal 2: A professora que será chamada de **F** tem formação no antigo magistério porém, possui também é graduada em Letras. Ensina também na 3ª série de uma escola da prefeitura. Já trabalhou em 6 escolas e tem 14 anos na docência. Segundo as observações realizadas, fala com muita segurança aos alunos e demonstra extrema paciência e cordialidade, porém, não exita em dizer NÃO. Tem facilidade em manter as crianças ocupadas e prende bastante a atenção dos pequenos. Por se tratar de

crianças pequenas, fala com clareza e pausadamente para que as crianças a entendam, segundo observações.

Perfil do aluno do Maternal 2: O aluno aqui será chamado de **JG**. É um aluno com TDAH e tem acompanhamento com psicólogo, neurologista e fonoaudióloga. Segundo as professoras, ele tem o diagnóstico, mas não toma medicação . A ritalina <sup>5</sup>só é indicada para crianças acima dos 6 anos de idade. O aluno **JG** teve sua suspeita de TDAH ano passado, quando ficou mais atrasado na fala que os outros e quando perceberam que ele simplesmente não prestava atenção a nada, segundo depoimento da coordenadora. Pula, brinca como as outras crianças, porém é completamente alheio aos comandos da professora e tem momentos intensos de inquietação e dispersão, segundo a própria docente. A direção passou a informação de que **JG** é acompanhado por profissionais que o acompanham juntamente com a escola passando orientações para a professora em como lidar de forma mais tranquila com ele. Uma das instruções que passaram, segundo relatos da professora, é que mantenham a atitude de forçar a socialização com o grupo .

Perfil da Professora : A professora que aqui será chamada de **N**, possui muita experiência : trabalhou em diversas escolas de renome, porém está atualmente ensinando em duas escolas nas séries Infantil e fundamental I ( 1º ano). Tem o curso de magistério e pedagogia. Tem um bom domínio sobre a turma e uma boa auxiliar . Tem 16 anos na docência e passou por 5 escolas. .

Perfil do Aluno: Diagnosticado com TDAH, o aluno de apenas 4 anos, que neste trabalho chamamos de **Jl** é muito agitado. Segundo relatos da professora, o TDAH foi detectado este ano. A professora suspeitou porque ele não parava quieto e dificilmente prestava atenção ao que ela dizia em sala. As atividades eram realizadas de forma incompleta se ela não interferisse. A professora levantou a suspeita junto à coordenação da escola que em seguida chamou os pais de **Jl**. A médica (neurologista) encaminhou algumas instruções, nos seguintes aspectos: mantê-lo mais próximo, observar se as

---

<sup>5</sup> Droga bastante utilizada a base de metilfenidato que em muitos casos aliviam os sintomas do transtorno.

atividades estão sendo concluídas, tentar com que ele participe com a turma, etc.

**Caracterização da Escola TR:** A escola **TR** está situada em um bairro no centro da cidade e por se tratar de uma escola de grande porte possui muitos alunos matriculados (cerca de 1500), alojados em salas amplas e arejadas com cerca de 20 a 24 alunos por sala, com bancas individuais. É uma escola da rede particular de ensino que possui em sua estrutura quadra para a prática de esportes, capela para o ensino religioso, biblioteca, sala de informática e artes. O contato com a escola foi através da coordenação assim como a indicação da sala onde se encontrava o aluno com TDAH (que será chamado de **JL**).

**Perfil da professora:** A professora desta sala (1ª série) é muito experiente. Tem 19 anos na docência e já passou por algumas escolas e disse saber o que é TDAH, porém se vê incapaz diante da situação de **JL**. A professora, graduada em pedagogia, tem atividade de coordenadora em uma outra escolinha particular, em um outro período.

**Perfil do aluno:** É um aluno diagnosticado com TDAH, tem 7 anos, e toma medicação. O diagnóstico foi dado por um especialista quando tinha 6 anos. A suspeita partiu através de uma professora que chamou os pais e mandou investigar o excesso de agitação e a impulsividade. Os pais, segundo relato da professora, levaram ao médico e quando retornaram à escola já tinham o laudo de TDAH em mãos. A suspeita veio, conforme relato da professora, devido ao fato de **JL** ser muito impulsivo, falar bastante e não parar quieto. Segundo a professora, ele é bem esperto porém não conclui as atividades ou dificilmente completa algum raciocínio em se tratando de participação em sala de aula. Dificilmente faz uma prova completa, segundo a professora.

## A ANÁLISE : EM BUSCA DE RESULTADOS

Optei no primeiro momento por entrevistar as professoras para só então, fazer as observações em sala: *"a fonte direta de dados é o ambiente natural , constituindo o investigador o instrumento principal"*.(BOGDAN, 1994).

Foram observadas quatro professoras em suas rotinas escolares, o entendimento sobre o TDAH e o modo como agem com a problemática , possibilitando desta forma, dividirmos a análise dos resultados em três momentos centrais: como **concebem** o TDAH (entrevistas), como **lidam** com TDAH (observações) e **as sugestões**( apontar elementos propositivos para que auxiliem os docentes no enfrentamento da problemática).

### COMO CONCEBEM

#### O QUE É TDAH?

Em um primeiro momento fiz a seguinte pergunta: "O que é TDAH"? Das quatro professoras entrevistadas ( D, N, F e H) duas não sabiam dizer o que era, uma soube dizer superficialmente (H) e apenas uma falou com mais conhecimento sobre o assunto (N):

*...Algo que gira em torno da atenção. (professora H)*

Apenas a professora (N) de **JG** soube definir com mais clareza o conceito do que é TDAH:

*...Que é um transtorno de ordem cerebral, déficit de atenção, inquietude e dificuldade de atenção.(professora N).*

*"Para lidar com uma criança com TDAH, antes de mais nada , o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de "má educação", "indolência"ou "preguiça" ( MATTOS, 2005, p.95 ).*

Importante ressaltar o que afirma o autor acima citado, pois muitas vezes o TDAH vem acompanhado de comorbidades - cuja definição já foi citada antes neste trabalho- porém se faz necessário que haja uma diferenciação entre o TDAH , comorbidades e indisciplina para que o aluno possa ser ajudado e não apenas "punido".

Outro ponto a ser destacado é que a fonte da descoberta sobre TDAH das duas professoras acima, **H** e **N**, mesmo que não tão aprofundada, foi através de palestras fornecidas pela própria escola e não pelo curso de graduação; embora todas estas professoras estejam lidando com esta realidade em sala de aula no momento atual.

## DISPONIBILIDADE DE TEMPO PARA OS ALUNOS COM TDAH

Quando foi perguntado sobre o tempo que as professoras disponibilizavam para destinar às crianças com TDAH em sala de aula, das entrevistadas três responderam não ter tempo hábil em aula para se dedicar a esse aluno com TDAH. A professora **H** da escola TR foi a única que fez o seguinte relato:

*...Não disponibilizo de tempo para dar uma atenção especial a este aluno, mas busco este tempo porque fico aflita quando percebo a dispersão desta criança. (professora H).*

Segundo Rohde (1999), é necessário um acompanhamento pedagógico feito pelo professor que ajude a prevenir lacunas na aprendizagem. Assim, a inquietude da professora acima, vem ressaltar a impossibilidade e a aflição devido ao tempo e número de alunos que necessitam também de cuidados pedagógico e atenção. Mattos (2005, p.95) também afirma: "Ele (o professor), terá que conseguir equilibrar as necessidades dos demais alunos com a dedicação que uma criança com TDAH necessita, o que pode ser difícil em uma turma numerosa."

Temos então que partir do princípio de que a opção muitas vezes tem que se dar entre o que precisa ser feito (acompanhar pedagogicamente mais de perto o aluno com TDAH) e o que pode ser feito (dar uma atenção a este aluno de modo que não o prejudique em sua vida escolar). É pertinente a afirmação de Rohde ao afirmar que lacunas não podem coexistir com aprendizagem. À medida que o nível de dificuldade vai aumentando, lacunas maiores vão se abrindo. Por isso, é de extrema importância o que afirma Mattos (2005) quando diz que o professor terá que equilibrar a atenção que o aluno com TDAH necessita e a atenção dispensada ao resto da turma; porém é uma

tarefa difícil quando se trata de uma turma numerosa. Ficam questões a serem respondidas: O que deve ser feito? O que pode ser feito?

Quando perguntamos às professoras se achavam que os alunos com TDAH deveriam ter uma atenção diferenciada, foram unânimes em responder que sim, porém também houve uma unanimidade ao afirmar que em sala de aula é inviável essa atenção especial. A professora **N**, inclusive com bastante firmeza, revelou que deveriam ter atividades em sala para deixar o corpo mais livre, as crianças deveriam ficar menos presos às bancas e dentro do planejamento ter mais atividades relâmpago. Para isso, seria necessário uma reelaboração de tarefas, provas e atividades mais curtas e que prendessem mais a atenção do aluno. Intervenções escolares também são importantes e devem ter como foco o desempenho escolar da criança (Rohde, Barbosa, Tramontina & Polanczyk, 2000).

## AVALIAÇÃO

Quando perguntamos sobre os critérios de avaliações que destinavam a estas crianças apesar do transtorno com (laudo de TDAH) as respostas foram bem diversificadas.

A professora **N** da Escola de Educação Infantil disse:

*...Avalio valorizando tudo que o aluno constroi, pois sei da limitação.  
(professora N).*

Mas não esqueceu de salientar que a escola permite essa "autonomia" na hora de avaliar. (professora N).

A professora **D** da escola Pública relata:

*... Não tenho critérios de avaliações especiais, apenas a caderneta com anotações e não registra nada a respeito do transtorno .*

Já a professora **F** diz o seguinte:

*Avalio com conceitos e anotações , sempre levando em consideração o déficit de atenção que ele tem. Procuo sempre forçar para que ele realize as atividades, conforme orientação da psicóloga. (Professora F).*

Porém, o que mais me chamou atenção foi a resposta da professora **H** quando diz :

*O colégio tem um padrão de avaliação, por se tratar de um colégio tradicional, temos que seguir. Dou as notas, tento aproveitar tudo, mas nem sempre consigo sair do padrão. (professora **H**).*

*“É importante diferenciar “dificuldades de se adaptar ao sistema educacional” de “impossibilidade de aprendizagem”. Muitas crianças com TDAH são muito inteligentes e se lhe dermos uma chance poderão ser bem sucedidas”.(MATTOS, 2005, P.99).*

A questão da avaliação é de extrema relevância, devido a complexibilidade e implicações que vai trazer para a vida escolar do aluno. Dependendo do modo como se aplique ou ainda do olhar do professor sobre o aluno, a avaliação poderá interferir no gosto pelo “estudar” e, conseqüentemente, no interesse e comportamento dentro de sala de aula. Por isso, é válida a observação feita pelo autor acima quando fala em chances, não apenas para rever ou simplesmente melhorar as notas do aluno, mas principalmente para mostrar o que sabem e do que são capazes de realizar.

*“Muitas crianças com TDAH e Transtorno de Aprendizado simplesmente não gostam da escola, não gostam de estudar porque já sabem que têm muita dificuldade e precisam se esforçar muito para ter um desempenho que não vai ser lá grande coisa. Me espantaria uma criança assim gostar de estudar...”(MATTOS, 2005, p.103).*

## COMPORTAMENTO .

Quando perguntamos se existe(m) algum(ns) íten(s) que destacaria no comportamento do alunos, as professoras **D**, **H** e **F** responderam a mesma coisa, porém a professora **N** colocou em sua resposta um novo componente que não havia sido ainda considerado quando da elaboração do projeto , mas que foi constatado em nossas observações em todos os alunos com TDAH: JE, JG, JI e JL..

*...Não param, são muito dispersos e perturbam a dinâmica de sala de aula.(professoras **D**, **H** e **F**).*

*...Eles não têm noção do espaço do outro e acabam tornando-se "o problema comportamental da turma", talvez pela inquietude. (professora N).*

Matos (2005) afirma que é importante distinguirmos "incapacidade para atender regras"(o caso do TDAH) da " falta de vontade "em atender regras (problemas comportamentais). À proporção que o professor torna-se conhecedor da problemática e de suas implicações, fica mais clara a afirmação do autor acima em relação a comportamentos e condutas. O fazer simplesmente "porque quer" é diferente do "fazer assim porque não consigo fazer diferente". O que foi constatado em todas as salas de aula observadas é que os alunos com TDAH nos trouxeram um componente novo que não havia sido pensado anteriormente: As Condutas Típicas.

Segundo o Ministério da Educação e Cultura – Secretaria de Educação Especial, Condutas Típicas são "manifestações comportamentais típicas de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no desenvolvimento da pessoa e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado". (MEC-SEESP,1994, p.7-8).

Neste caso, são alunos que apresentam comportamento invasivo, sobretudo com os colegas, e este fato ficou claro nas observações quando pegavam o material do outro sem pedir, tomavam o assento sem prévia consulta, empurravam, batiam, falavam muito alto e não sabiam esperar. São comportamentos relativamente regulares em crianças muito pequenas, mas exarcebados em algumas crianças com TDAH. Fato que influenciará no relacionamento e aprendizagem devido as frequentes intervenções que a professora tem que realizar.

## AS ESCOLAS: PREPARADAS PARA ALUNOS COM TDAH?

Quando perguntamos às professoras se achavam que as escolas estariam preparadas para receber alunos com TDAH a resposta foi unânime : NÃO. Porém, cada uma das professoras fez uma ressalva diferente: A professora **N** falou:

*... o espaço físico pequeno (no caso sala de aula) para crianças com TDAH que necessitam mais de trabalhos corporais por serem muito agitadas. (N)*

Além disso as docentes (**H,N,D e F**) também se queixaram dos currículos. Os currículos não são voltados para atender a necessidade de crianças que têm dificuldades especiais. Tocaram no assunto planejamento e elaboração de atividades mais voltadas aos alunos com dificuldades respeitando todos os limites e diferenças . Para isso a LDB :

*Assegura aos alunos com necessidades especiais o direito a currículo, métodos, recursos educativos e de organização específicos para atender às suas necessidades. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96).*

Torna-se, portanto, necessário rever os currículos, métodos e recursos educativos de modo a atender as necessidades de todos, para isto existem leis e que devem ser cumpridas com determinação. Mattos (2005) faz um comentário muito pertinente, em relação a adaptação dos conteúdos, quando diz que é importante distinguir estruturação (consistência de conduta e planejamento) de rigidez (incapacidade de modificar ou tolerar). Portanto, a flexibilização é possível na medida em que coopera para que a educação aconteça em seu sentido mais amplo respeitando e atendendo diferenças.

## COMO LIDAM:

Durante as observações ficou constatada a "inquietude especial" dessas crianças com TDAH mas também de suas professoras em lidar com o assunto.

Os alunos com TDAH são muito ativos e dificilmente ficam atentos sem se mexer ou sem perturbar o colega ao lado, na hora das exposições ou comandos das professoras. Fica claro, também, que são alunos mais dispersos, mais inquietos e menos disciplinados. A professora que possui auxiliar consegue dar uma aula mais tranquila, porém, aquelas que estão sozinhas em sala deve ter momentos de aula bem planejados evitando assim, a dispersão da criança.

Os comportamentos das professoras se caracterizaram de modos diversos diante do problema com TDAH, segundo observações realizadas: a professora da escola **PU (D)**, por exemplo, ficou com a turma fora de controle durante boa parte das duas manhãs observadas devido ao comportamento de JE, que muitas vezes corria da sala e ela tinha que ir buscá-lo; além disso, como ele é bastante disperso, atrapalha também os colegas na hora das atividades. Observei então, pouco planejamento de aula: houve vários momentos em que a professora não sabia o que fazer quando as atividades acabavam e o problema comportamental de JE se acentuava devido a ociosidade. Mattos (2005) afirma: às vezes o TDAH pode coexistir com problemas comportamentais, o que complica as coisas. Por isso, a atitude da professora **D** da escola **PU** condiz com sua fala de não ter tempo para dar atenção a JE, assim, ele passa boa parte do tempo brincando com uma caixa que a professora traz consigo com carrinhos e brinquedos. A professora da Escola **EI, (F)**, é bem tranquila e mantém o controle sobre a turma e muitas vezes tenta fazer com que o aluno JG faça as atividades, nem que seja sozinho com ela, depois que todos concluem a atividade proposta. O que foi observado é que ela sempre faz uma tentativa para que ele participe.

A professora da escola **TR (H)** se mostrou o tempo inteiro calma com a turma, mas se disse incomodada por se sentir impotente diante da questão de querer ajudar mais o seu aluno JL, com TDAH. De qualquer maneira, ela tenta sempre chamar a atenção de JL para a leitura e atividades que estão sendo realizadas naquele momento, porém, ela deixa clara a posição de que acha insuficiente a atitude da escola diante do problema. Segundo Mattos (2005), o ideal é fazer com que as lições requeiram tanto mais participação/atividade da

criança quanto for possível (lembre-se que elas detestam ficar muito tempo fazendo trabalho sentadas). É o caso da professora da escola de Educação Infantil (**N**) quando propõe algumas vezes atividades relâmpago, como colorir uma figura pequena, contar uma estória curta ou ainda realiza as atividades de forma lúdica. Na entrevista, (**N**) faz menção sobre atividades relâmpago e trabalho corporal e na prática o faz. Mattos (2005) é muito feliz quando afirma que as tarefas podem ser feitas mesmo que por etapas que exijam que a criança fique concentrada apenas por pequenos intervalos, é mais estimulante e o aluno com TDAH vai fazer o exercício melhor. Nas quatro salas a participação maior do aluno com TDAH era maior quando a professora recorreu a atividades mais curtas ou a atividades "relâmpago".

## **SUGESTÕES**

A partir do exposto é possível perceber que há medidas propostas por autores como Rohde (1999), Mattos (2005) e observadas por mim em minha experiência no acompanhamento pedagógico que podem ser tomadas juntamente com a escola e professores que podem auxiliar o aproveitamento escolar e oportunizar essas crianças e adolescentes com TDAH a demonstrar todo seu potencial :

- 1- A primeira, e tão importante quanto as outras que virão é que o professor leia sobre o assunto, lembre-se: o professor é uma peça fundamental na vida escolar da criança e o sucesso do aluno depende também desta compreensão.
- 2- O docente deve negociar com o seu aluno para sentar nas primeiras filas e conversar com o próprio aluno (se for um pouquinho maior) sobre uma melhor forma de tratar o conteúdo de modo que preste mais atenção. Se a criança for pequena mantê-la perto do professor é uma boa estratégia pois o auxílio pode ser necessário para realizar determinadas tarefas.
- 3- Textos muito longos em provas, muitas vezes não são lidos em sua totalidade. ( Sugerimos à escola reduzir o tamanho dos textos em provas e testes porque, sendo assim, o aluno melhor aproveitará todo seu conhecimento e potencial.) "Avalie mais pela qualidade e menos pela

quantidade de tarefas executadas. O importante é que os conceitos estejam sendo aprendidos”(Rohde, 1999).

- 4- Dar um tempo maior para essas crianças com TDAH concluírem suas avaliações é uma boa estratégia, pois o tempo da atenção que essas crianças e adolescentes têm e dispensam a determinada atividade é muito curto. Seria interessante permitir a este aluno realizar suas avaliações e atividades por etapas. O relógio por vezes pode deixar a criança mais ansiosa do que já é e aumentar a impulsividade, portanto, evitar tarefas cronometradas, é muito importante.
- 5- Poder também dividir as tarefas por etapas, pois além de expressar tudo o que captou, será uma opção interessante porque não obrigará aos alunos ficarem presos à mesa durante muito tempo. Investir na elaboração de atividades “relâmpago” seria uma boa idéia.
- 6- O professor pode e deve valorizar tudo que o aluno com TDAH fala em sala de aula. São alunos que geralmente tem uma auto-estima baixa devido as notas e quando conseguem participar de alguma atividade em aula deve ser dado valor de forma a estimular essa participação.
- 7- O professor deve deixar todas as regras bem claras ( o aluno com TDAH tem dificuldade de seguir algumas regras) conforme explicitado quando tratou-se do tema comportamento. Se o aluno for alfabetizado, o professor pode afixá-las na parede da sala, quando não, ficar reforçando verbalmente.
- 8- O professor pode ter um pouco mais de flexibilização com este aluno, na quantidade de vezes que pede para ir ao banheiro ou para beber água, pois, muitas vezes, é apenas um pedido de licença (socorro) para levantar, porque não consegue ficar mais preso à cadeira. A compreensão é um forte aliado para uma boa parceria com essas crianças.
- 9- O professor pode utilizar o cuidado que a professora H quando tem com JL quando solicita a ele para auxiliá-la a explicar novamente o que foi dito. Esta é uma maneira de ele se sentir importante e absorver melhor os conteúdos.

10-As crianças de modo bem geral adoram desafios, transformar conteúdos em jogos, levará as crianças com TDAH prestarem mais atenção e participarem com mais afinco.

11- Elogiar pode ser útil, a criança se sente confortável diante dos elogios e com certeza vai se esforçar para receber mais, à medida que estiver sentindo-se estimulada.

12-O professor pode lembrar sempre de que aquilo que parece fácil para alguns: prestar atenção na aula e captar o conteúdo pode ser difícil para o outro, portanto, tratar o aluno da maneira que respeite seus limites é fundamental.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Durante o trabalho, foram analisados alguns conceitos sobre D.A e foi feita uma revisão conceitual do que é TDAH. A partir da revisão sobre o tema (TDAH), foi apontado o cuidado pedagógico que se deve ter quando se trata de questões que envolvam alunos com TDAH, escola, professores e família. Diante de tais considerações, retomo os questionamentos que foram levantados: estão as escolas preparadas para prevenir e detectar lacunas? Professores têm tempo hábil em sala de aula para dar uma atenção especial aos alunos com TDAH? As escolas conhecem e possuem metodologias específicas tanto na aplicação dos conteúdos quanto avaliativas para lançar um olhar especial sobre estes alunos? Obviamente, como foi dito, não pretendia responder a todas as questões neste trabalho uma vez que envolve uma complexibilidade muito grande: a estrutura escola – professor – aluno – família-profissionais, mas que não obstante, podem ser refletidas por todos que trabalham com educação e principalmente por aqueles que se deparam com a realidade diária em ter alunos com TDAH: o professor.

O que ficou da pesquisa é a sensação do muito que falta para a compreensão das Dificuldades de Aprendizagem e TDAH. São questões ainda pouco discutidas nas escolas, mas que fazem parte da rotina e que não podem ser minimizadas com palavras e falta de atitudes. Atitudes essas que podem

começar na família, continuar caminhando na escola entrelaçada com a família e também com profissionais que cuidam dos alunos com TDAH (médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, etc), profissionais esses que podem e devem conhecer a rotina escolar de perto e entrelaçar-se também com escola, família e professores. O que fica de mais importante é que há muito por fazer. Há que se buscar mais conhecimento sobre o TDAH, há que se procurar mais parcerias e, obviamente, há que se atingir o objetivo da educação em preparar as pessoas para ter conhecimento e conviver bem em sociedade podendo exercer assim, seu direito pleno de ser cidadão. Mas para que isso aconteça, se faz necessário respeitar diferenças, respeitar leis e principalmente perceber que "alunos prontos" não é desafio para a educação. As análises mostraram que professores precisam discutir mais sobre o tema, escolas precisam se preparar mais para receber estes alunos, professores precisam ter mais tempo hábil para trabalhar com alunos com TDAH, metodologias e sistema de avaliações devem ser adaptados para crianças com TDAH ou qualquer outro transtorno ou necessidade e principalmente o OLHAR do professor deve ser diariamente renovado diante deste aluno. Ser flexível não significa ser passivo, desorganizado; ao contrário, para ser flexível é preciso ser muito seguro enquanto profissional e respeitar a capacidade de cada um. Apesar da diversidade que o professor encontra em sala, obviamente, pode saber o que cada um de seus alunos precisa e encaminhá-los para o progresso escolar.

Finalizo enfatizando que as sugestões feitas são de caráter simples, e que por isso mesmo podem ser tomadas pela escola e professores diante de seus alunos. Se feitas com cuidado não criarão estigmas maiores do que aqueles que já foram criados na cabeça da criança: incapacidade, incompreensão, indisciplina, etc.

Fica a necessidade de proliferação da temática TDAH, porém ressaltando que todas as medidas que venham a ser tomadas em relação ao aluno com TDAH se não tiver um Olhar adequado do pedagogo serão apenas medidas isoladas e que dificilmente surtirão o efeito necessário.

## Referencial Bibliográfico

BOGDAN, R. *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto, Porto editora, 1994.

BRASIL, Lei N. 9.394. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL . Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994. P. 7-8, livro1.

BROMBERG, Maria Cristina. Comorbidades. Novembro de 2006. Disponível em [http://www .hiperatividade.com.br](http://www.hiperatividade.com.br). Acesso em 20 de Fev.2009.

CABRAL, Sergio Bourbon. Artigo: Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) em Adultos- Uma Revisão. Novembro, 2006. Disponível em [www.hiperatividade.com.br](http://www.hiperatividade.com.br). Acesso em 20 Fev. 2009.

CORREIA, Luis de Miranda, Para a definição portuguesa de dificuldades de aprendizagem específicas, Rev. bras. Educ. Espec.v.13 n.2 Marília maio/ago.2007.

CORREIA, Luis de Miranda e MARTINS, Ana Paula. Dificuldade de Aprendizagem. Biblioteca Digital, Coleção Educação. Porto Editora, (s.d).

COLLIS, Jill e HUSSEY, Roger. *Pesquisa em Administração*. 2ª. Ed. Ed. Bookman, São Paulo, 2005.

FONSECA , Vitor da. *Introdução às Dificuldades de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MATTOS, Paulo. *No Mundo a Lua. Perguntas e Respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em Crianças, Adolescentes e Adultos*. São Paulo: Lemos Editorial, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Ana Márcia Luna. *Enfoques en la investigación científica: Producción actual en las universidades de Barcelona*. Una Breve Revisión del Concepto de Dificultad de Aprendizaje. Barcelona: Apec, 2002.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul LTDA, 1992.

PORTELLI, A (1997) . Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In Revista Projeto História, n.15. São Paulo: Educ.p 13-49.

RIBEIRO, Nazareth, 2007. Jornal Virtual do Colégio Anglo Americano Disponível em <http://www.nazarethribeiro.org>. Acesso em 20. Dez.2008.

ROHDE, Luís Augusto P. E Benczik, Edyleine B. P. *Transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade. O que é?. Como ajudar?*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ROHDE, L. A., Barbosa, G., Tramontina, S. & Polanczyk, G.(2000) Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Revista Brasileira de Psiquiatria, 22, p. 7-11.

SISTO, Fermino Fernandes e MARTINELLI, Selma de Cássia. *Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Vetor, 2006.

